

EDITORIAL v. 11, n. 21, jan./jun. 2026

A passagem da pandemia covid-19 levou diferentes sociedades a se depararem com ideias acerca da mortalidade, com as desigualdades dessa experiência e com os efeitos, naturais e políticos, diante das tantas mortes acumuladas dia a dia. Quem experienciou perdas de familiares e amigos próximos, enfrentou de diferentes formas o estado de luto. Mesmo com o início da aplicação da primeira vacina contra a covid no Brasil e em diversos outros países, o número diário de mortos continuou a assustar. Entre os brasileiros, a precária gestão política dos efeitos da pandemia causava indignação social. O legado dessa tragédia, ainda que bastante próxima e, em alguns casos, de difícil mensuração crítica, começa a se delinear com maior evidência. É nesse caminho que o **Dossiê** deste número se insere: por meio de análises de vivências individuais ou coletivas a respeito das práticas e dos (des)cuidados diante da morte e do luto pandêmico, o conjunto de artigos pode contribuir para pensar esse “legado”.

Olhar em perspectiva para um passado recente marcado por dores, sofrimentos, tristezas, traumas e lutos,

* Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). CV: <http://lattes.cnpq.br/5567003394621139>

a partir do tempo presente, talvez seja um meio eficaz de encarar as consequências desses sentimentos que acompanharam a morte, com um juízo avaliativo e pertinente. É provável que, a partir dessa avaliação dos significados dos processos de morte na pandemia, não seja possível garantir um aprendizado sobre “o que” e “como” devemos proceder enquanto grupo humano que se organiza em torno de leis e regras sociais. Mesmo essa experiência traumática não garante uma “lição”. Esperamos, no entanto, que, ao menos, possa garantir ações políticas éticas e equânimes para projetarmos transformações comprometidas com a justiça e a dignidade humana em situações extremas.

O **Dossiê 21**, intitulado *O legado da pandemia da Covid-19 sobre o pensar, o agir e o cuidar diante dos processos de morte e luto*, organizado por **Aline Silva Santos** (Instituto Federal de São Paulo), **Andreia Vicente da Silva** (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e **Gabriela Casellato** (Quatro Estações Instituto de Psicologia), agrega dez artigos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores especialmente das áreas de Psicologia, Saúde Coletiva, Sociologia e Antropologia.

Os quatro primeiros artigos reforçam problemáticas relativas à “ética” e ao “cuidado”, considerando diferentes formas de atendimento e relação com enfermos, familiares e enlutados na pandemia de covid-19, no Brasil, no México e na Argentina.

No contexto de trabalho de uma fundação mexicana de medicina, a doutora em Antropologia **Angélica Yasmirn Dávila Landa** (Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora) abordou os cuidados paliativos comunitários no acompanhamento humano de enfermos por covid, de modo a conferir dignidade no fim da vida, ressaltando, ainda, a dimensão ética do cuidado coletivo.

O apoio psicossocial a enlutados por meio de metodologias de atendimento psicológico no ambiente virtual foi analisado por **Gabriela Casellato**, **Luciana Mazorra** e **Valéria Tinoco** (Quatro Estações Instituto de Psicologia), que apontaram, ainda, as possibilidades e os desafios éticos desse trabalho para a área de Psicologia.

A doutora em Sociologia **Teresa Ordorika Sacristán** (Universidad Nacional Autónoma de México) analisou como determinados mexicanos acionaram práticas espirituais para garantir vínculo e proximidade simbólica com familiares hospitalizados e isolados por conta da covid-19, o que as tornou recursos legítimos, sensíveis e éticos de cuidado.

Ainda na perspectiva da ética do cuidado, **Eugenia Clara Savino** (Universidad de Salamanca) e **Karina Ramacciotti** (Universidad Nacional de Quilmes) analisam a experiência de trabalho de cuidador(a), especialmente desempenhado por mulheres, na Argentina contemporânea. Trata-se de cuidados paliativos e de fim de vida, um trabalho impactado pela pandemia e, ainda hoje, com necessidades pouco contempladas pelos sistemas de saúde e pela legislação nacional.

O quinto e o sexto artigo do **Dossiê** remetem aos significados simbólicos que o universo cemiterial adquiriu para os enlutados, bem como ao compromisso político necessário para garantir que os espaços cemiteriais e as práticas neles desenvolvidas respeitem a dor da perda e representem, em sua configuração estética e arquitetônica, as apropriações e os usos feitos pela população.

O texto de **Aline Silva Santos** (Instituto Federal de São Paulo) reflete sobre o impacto dos espaços cemiteriais na experiência dos enlutados, notadamente em cemitérios de São Paulo, a partir da pandemia. Utilizando diversas imagens para demonstrar os diferentes usos desses espaços, a autora propõe a gestores, arquitetos e paisagistas, a criação de espaços e jardins que dialoguem com as expressões de luto comuns na contemporaneidade.

O sexto artigo, de autoria de **Weverson Bezerra Silva** (Universidade Federal da Paraíba) e **Mônica Franch** (Universidade Federal da Paraíba), traz um relato etnográfico analisando as tensões entre uma exumação feita enquanto procedimento técnico pela gestão de um cemitério público do Rio de Janeiro e as necessidades subjetivas e emocionais de quem sofre com o luto, destacando a importância do cuidado no gerenciamento da morte no pós-pandemia com especial atenção à dignidade dos enlutados e da memória do morto.

O sétimo e o oitavo artigo são desenvolvidos por autorias compartilhadas, com cinco pesquisadores e pesquisadoras cada um. São textos de revisão da literatura, provenientes das áreas de Psicologia, Saúde Coletiva e Enfermagem, que abordam as mudanças na experiência da morte e do luto decorrentes da pandemia, a partir de consultas a bases de dados de divulgação científica.

O sétimo artigo revisa a literatura científica sobre os efeitos do isolamento social nos rituais fúnebres durante a pandemia, constatando mudanças nas percepções de morte, além do aumento das dificuldades de elaboração do luto, de expressão da dor e de manutenção da saúde mental. Esse artigo foi produzido por cinco autoras: **Camila Maria de Oliveira Ramos** (Faculdade Luciano Feijão), **Sara Régia Vieira Freire** (Faculdade Luciano Feijão), **Julita Gomes Maia de Sena** (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), **Kayline Macêdo Melo** (Faculdade Luciano Feijão) e **Renata da Conceição da Silva Pinheiro** (Centro Brasileiro de Ciência Comportamental Contextual).

O oitavo artigo apresenta um levantamento dos efeitos psicossociais da orfandade decorrente da covid-19, evidenciando vulnerabilidades na saúde mental e na proteção social. Argumenta que crianças órfãs se tornaram mais propícias ao luto complicado e a quadros depressivos e destaca que outras pesquisas podem apontar para diferentes vivências, considerando as desigualdades sociais. Esse artigo foi produzido por **Jorge Luís Maia Moraes** (Prefeitura Municipal de Fortaleza), **Danila Dias Cordeiro** (Prefeitura Municipal de Fortaleza), **Evanira Rodrigues Maia** (Universidade Regional do Cariri), **Rosely Leyliane dos Santos** (Universidade Regional do Cariri) e **Rogênia Rocha Nascimento** (Universidade Regional do Cariri).

Os dois artigos que fecham o **Dossiê** advêm de perspectivas teóricas da Filosofia e da Antropologia e apontam para a experiência do luto numa análise mais contundente em termos de crítica política.

O artigo de **Marcio Bruno Barra Valente** (Universidade Federal do Pará) e de **Cezar Luís Seibt** (Universidade Federal do Pará) destaca como o luto por covid-19 foi impactado pela gestão do governo federal quando, na ocasião, desprezou vacinas, doentes e a memória dos mortos. Argumentam que os enlutados foram, em grande medida, silenciados pelo negacionismo e que as perdas se tornaram não apenas individuais, mas também coletivas e, fundamentalmente, políticas.

O último texto do **Dossiê**, escrito por **Cleonardo Mauricio Junior** (Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro), aborda os sentidos do luto decorrentes da pandemia na vida cotidiana. Por meio de um relato autobiográfico, o autor demonstra os esforços de elaborar perdas diante dos negacionismos e dos constrangimentos, além de propor possibilidades de consolo e homenagem aos mortos.

Para a seção **Artigos Livres**, a **Revista M.** apresenta quatro textos, diversificados em termos de objetos que tematizam a morte, os mortos e o morrer; um deles apresenta reflexões relativas à pandemia de covid-19. Os dois primeiros da área de História e os seguintes, da Saúde Coletiva e da Psicologia.

O primeiro artigo foi escrito por **Carina Sucro** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e **Maria Regina Cândido** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). As autoras analisam rituais funerários gregos a partir de imagens de vasos lutróforos, problematizando os sentidos dos ritos de passagem na Grécia Antiga. O segundo, de **Vanessa Cerqueira Teixeira** (Universidade do Estado de Minas Gerais), analisa práticas e ritos fúnebres das irmandades de Nossa Senhora das Mercês nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX, atentando para as agências dos crioulos e as especificidades dos elementos de matrizes africanas nas atividades dessas agremiações.

Na sequência, o artigo de **Karla de Souza Magalhães** (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e de **Rachel Aisengart Menezes** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), analisa narrativas jornalísticas sobre o trabalho dos coveiros durante a pandemia de covid-19 no Brasil, apontando tanto para as representações deste trabalho e destes trabalhadores, quanto para a necessária desnaturalização dos estigmas da morte e de seus agentes. Por fim, o texto de **Maria Laura Alexandre Inocêncio** (Universidade do Extremo Sul Catarinense) e de **Paola Rodegheri Galeli** (Universidade do Extremo Sul Catarinense), traz uma análise sobre os impactos da psicoterapia entre idosos enlutados pela perda de cônjuges, destacando a relevância de rede de apoio para a construção de sentidos para a vida de viúvos e viúvas.

A seção **Em Campo** dá certa continuidade à reflexão da Psicologia sobre a experiência de luto durante a pandemia, por meio de um relato de experiência. O texto de **Mariele Rodrigues Correa** (Universidade Estadual Paulista) e docente na mesma universidade e de **José Sterza Justo** (Universidade Estadual Paulista), reflete sobre os sentidos dos grupos de atendimento psicológico realizados de modo online, em 2020, durante a pandemia, destacando a importância das expressões dos sentimentos de compreensão e solidariedade.

Passando à seção **Ensaio sobre a Finitude**, a **Revista M.** apresenta aos leitores dois textos, respectivamente, da área da Psicologia e da Antropologia, que abordam as aflições decorrentes dos rompimentos de laços afetivos e sociais e os diferentes modos de encarar o luto proporcionados pelo contexto pandêmico. O artigo de **Dayane Dias Braz** (Universidade Federal de Uberlândia) e de **Anamaria Silva Neves** (Universidade Federal de Uberlândia), analisa os impactos da impossibilidade de realização de ritos fúnebres na elaboração psíquica da perda durante a pandemia, defendendo a construção de espaços coletivos para o compartilhamento do trauma. O ensaio de **Marianna Knothe Sanfelicio** (Universidade de São Paulo) entrelaça a análise do luto pandêmico com o luto pessoal da autora pela perda da mãe, em momento anterior, num exercício de pensar o trabalho etnográfico e as implicações subjetivas do fazer

antropológico, de modo a reconhecer que tanto a antropologia quanto os mortos contribuem para as afetações de si e modificações do “eu”.

Essa edição da **Revista M.** se encerra na seção **Resenhas**, com texto de **Johnnys Jorge Gomes Alencar** (Universidade de Pernambuco), que apresenta a resenha crítica da obra *A morte e o morrer nos sertões do Brasil*, coletânea organizada por Claudia Rodrigues, Cícero Joaquim dos Santos e Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Para o resenhista, a obra contribui para os estudos sobre a morte no Brasil e amplia o conceito de sertão.

Para finalizar este Editorial, é possível afirmar que a pandemia da covid-19 impactou as diferentes formas de expressão do luto, como atestam a quase totalidade de artigos desta edição da **Revista M.** Certamente, o “luto” foi o conceito mais abordado nesse número, seja a partir de uma dimensão psicossocial, como resposta psicológica à morte ou à perda (Kauffman, 2004, p. 321), seja na dimensão da experiência e do ritual construídos culturalmente e situados no tempo, no espaço e em marcações interseccionais. Compreendido como construção do esquecimento ou como busca pela agência dos mortos na promoção de ações humanas (Despret, 2023, p. 17), o luto ganhou contornos políticos peculiares durante e após a pandemia, como demonstram os textos dessa edição. Fica o convite à reflexão sobre as distintas experiências de luto e as possibilidades e desafios de (re)construção de seus significados. Considerando que a consciência de morte, morrer e luto afetam humanos e não humanos (Kellehear, 2016, p. 33), há muito ainda a ser pesquisado. Que a leitura das pesquisas e reflexões aqui presentes inspire novos trabalhos!

Referências Bibliográficas

Despret, V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. N-1 Edições. (Trabalho original publicado em 2015).

Kauffman, J. (2004). Luto. In G. Howarth, & O. Leaman (Coords.). *Enciclopédia da morte e da arte de morrer*. Quimera Editores, p. 321-323.

Kellehear, A. (2016). *Uma história social do morrer* (L. A. O. Araújo, Trad.). Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 2007).

